

A sensibilidade
minimalista de
**Laura
Rosa**



Revista Tijubina

nº **70**

Novembro
2025

EDITORIAL

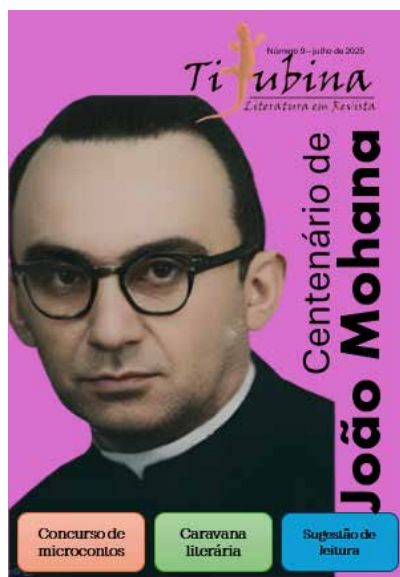
Acaba de chegar a suas mãos o décimo número da Revista Tijubina. Nesta edição, os leitores irão encontrar textos sobre Laura Rosa, Fernando Viana, João Clímaco Lobato, Adriana Gama e tantos outros escritores.

Para uma revista literária, sem fins mercadológicos, chegar a dez números é motivo de júbilo para nós que fazemos a Revista. Torcemos para que ela tenha continuidade com muitas outras edições.

A Revista Tijubina continua em sua jornada de ser um veículo de divulgação da cultura brasileira, com ênfase na literatura. Agradecemos a todos os colaboradores que disponibilizam seus textos para compor cada número.

Caso queira publicar seu texto aqui (artigo, ensaio, crônica, conto, poema...), basta entrar em contato que ele será muito bem-vindo, desde que não apresente teor discriminatório ou político-partidário.

Boa Leitura!



EXPEDIENTE

Editor: José Neres

Jornalista Responsável: Gabriel Barros Neres (Reg. Prof. 0002123/MA)

Diagramação e projeto gráfico: José Neres

Periodicidade: Trimestral

Colaboradores deste número: José Neres - José Carlos Gonçalves - Félix Alberto Lima - Jonilson Bogéa - Joizacawpy Muniz Costa

Imagem da capa: autoria de Dino Cavalcante

A SEARA POÉTICA DE FERNANDO VIANA

José Neres

O médico, professor, político e poeta Fernando Viana (1904-1983) é um dos grandes nomes da Literatura Maranhense do século XX. Sua obra, embora não seja muito extensa, apresenta inegável valor estético.

Em 1945, o escritor reuniu seus poemas e publicou **“Folhas Soltas”**, livro no qual, segundo o crítico literário e professor Carlos Cunha, em **As Lâmpadas do Sol**, “Fernando Viana capta os mais contraditórios contornos da existência humana”. Décadas depois, em 1979, o poeta ribamarense publicou o livro **“Seara”**, no qual estão enfeixados os poemas escritos e guardados desde a publicação de sua obra de estreia.

A partir do ano de 1962, Fernando Viana começou a escrever uma série de poemas descrevendo “em leve tom de troça”, conforme ele mesmo disse, algumas personalidades da vida literária maranhense, principalmente os membros da Academia Maranhense de Letras. Para evitar melindres e atritos desnecessários, o poeta decidiu não publicar o trabalho, o que foi feito postumamente pelo crítico e pesquisador Jomar Moraes, que, em 1991, trouxe à luz o livro intitulado **“Passarela & Outros Perfis”**

A paixão pelo poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage fez com que Fernando Viana se debruçasse sobre a vida e a

obra do principal representante do Arcadismo em Portugal e daí surgisse o livro-ensaio **“Bocage – uma vítima de sua época”**.

Dono de um estilo que mesclava as formas clássicas do soneto e das baladas com temas oriundos do cotidiano e da observação atenta da realidade circundante, Fernando Viana – que também assinava seus textos com o pseudônimo de Feliciano Ventura – tinha um vocabulário refinado e de um gosto pela metrificação regular com esquemas fixos de rima. Tudo isso mesclado com certa facilidade para fazer descrições poéticas que oscilavam entre um olhar irônico sobre as coisas do mundo e uma percepção bastante crítica com relação às questões sociais.

Em seu livro **“Seara – Versos de Ontem”** (SIOGE, 1979, 40 páginas), o poeta passeia por diversas temáticas e se inspira nos detalhes muitas vezes imperceptíveis para a maioria das pessoas, mas que podem render bons textos quando são trabalhados pelas mãos hábeis de um poeta, como

é o caso do poema “O
pequeno tísico”, no qual o eu
lírico comenta o falecimento
de um garoto acometido pela
tuberculose, conforme pode
ser visto abaixo:

Eu sempre o via, pálido e
abatido,
a sorver do infortúnio a
acerba taça,
lançando seu olhar fundo e
comprido
às crianças brincando pela
praça.

Menino ele também – e ali
tolhido
ao jugo inexorável da
desgraça,
via-o sempre à janela,
sucumbido
e tristonho, a espiar pela
vidraça!

Hoje, entanto, o não vi... Na
casa aberta
oiço prantos... e, à angústia
que me aperta,
num gesto maquinal tiro o
chapéu...

Pobre garoto! Até que fim
quebrada
a corrente da vida
amargurada,
foi brincar com as crianças
que há no céu. (pág. 25)

poemas do livro é possível
tirar algumas reflexões acerca
dos inúmeros sentimentos
que advêm da incompletude
humana e das necessidades
que nem sempre podem
ser satisfeitas, ou mesmo
compreendidas.

Fernando Viana, seja
como médico, seja como
professor, político ou poeta,
teve importante atuação
na atmosfera cultural do
Maranhão. Ele fez parte
do Instituto Histórico e
Geográfico do Maranhão e
da Academia Maranhense
de Letras, onde ocupou a
cadeira de número 2, fundada
por Domingos Barbosa
e patroneada por Aluísio
Azevedo. Com o falecimento
do poeta, em 1983, foi eleito
para sucedê-lo na AML
o seu filho, o romancista
Waldemiro Viana

Uma boa opção para
conhecer um pouco mais
do estilo, das obras e do
estilo de Fernando Viana
é ler o soneto F. V., que se
encontra no livro **“Passarela
& Outros Perfis”**, (pág. 41),
transcrito a seguir:

Depois de haver soltado as suas folhas,
Este os portões varou da Academia,
E. pilhado lá dentro, encheu de rolha
Os vidrinhos da anímica poesia.

É que, então, resguardado nas encolhas
Do cartaz de imortal, que ele queria,
Notou que as suas folhas eram bolhas
Que o sol arco-irisava e coloria...

Foi jornalista e deputado. É médico,
E, por crer-se, talvez, enciclopédico.
Bota banca de mestre e diz que é lente...

Perpetra uns trocadilhos indigestos
E anda em sonetos malversando os restos
De uma culturazinha intermitente...



JOSÉ NERES é professor

LANÇAMENTO

Aguarde o lançamento



Mais do que uma vitrine online, a loja Megamega Digital é um espaço com alma. Cada item foi escolhido pensando em estilo, funcionalidade e originalidade. **Faça seu cadastro e obtenha ofertas pensadas para você.**

Megamega Digital

Acesse a loja em:
<https://megamega.digital>

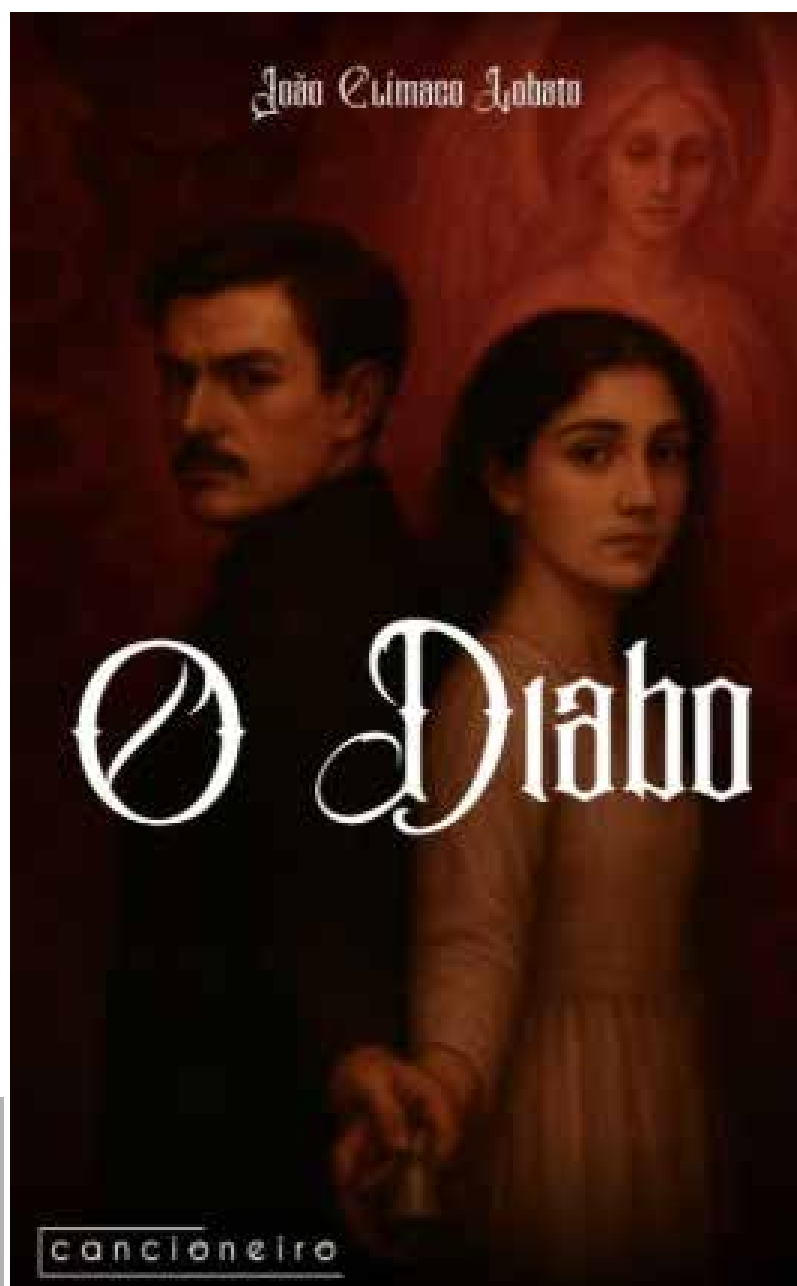


Relançamento do romance

O DIABO

de João Clímaco Lobato

Joizacawpy Muniz Costa



O grupo GELMA tem feito um trabalho importante no que se refere a literatura maranhense, resgatando obras e autores maranhenses importantes para nossa história.

Somos um grande e complexo mosaico literário e cultural, desse modo o trabalho de reedição de escritores dos mais variados estilos se faz necessário se assim pretendemos alimentar nossa sociedade de cultura e também oferecermos referências para novos leitores e escritores. Dentre as obras trazidas a lume pelo grupo estão: *A Literatura Maranhense*, Reis Carvalho; *As Promessas*, Laura Rosa; *A Vela de Cera*, João Clímaco Lobato; *Por onde Deus não Andou*, Godofredo Viana; *Madrugada Negra*, Viriato Corrêa; *Miss Mary*, Viriato Corrêa.

No dia 30 de outubro, aconteceu na Casa de Cultura Josué Montello o lançamento do romance **O Diabo** do escritor João Clímaco Lobato, mais uma obra para o rol de reedição do GELMA.

Para orientar os presentes no evento, os professores Dino Cavalcante coordenador do grupo GELMA, José

Neres e Mauro César, Vieira trouxeram a lume o debate sobre a obra de Lobato.

E como ponto importante da palestra, apresentação da classificação do romance, primeiramente com características gótica, depois o questionamento, um romance considerado fantástico ou não? Os primeiros estudos indicam traços fortes do fantástico, as pesquisas mergulham no sentido de aprofundar essa questão.

A narrativa é de uma escrita primorosa no que se refere ao gênero, "romance" o autor prima por detalhes que permitem ao leitor construir aspectos de personagens, cenários e situações que lhes possibilitam viajar no enredo oferecido. No corpo da obra ele oferece também a poesia, apesar de uma narrativa com aspectos misteriosos e recursos que remetem ao sombrio, encontramos também a leveza poética.

A história é instigante e o autor de forma precisa fez um trabalho que conduz ao ganho do leitor.

Essa narrativa traz ideias relacionadas às ações humanas, principalmente questões morais, além dessas questões outros temas importantes relacionados a condição humana, estão contidos em detalhes na obra.

Deixo aqui uma questão, o que de fato tem por trás do Diabo de Clímaco Lobato?

É preciso ler a obra para descobrir e garanto que aqueles

que decidirem pela leitura não se arrependerão.

Além das palestras houve também participação de leitores que foram arrebatados pela história, dando feedback de suas leituras, e lendo trechos da obra para o público presente.

"Essa flor-linda donzela,
Representa meu amor:
Não a percas; cuidadosa
Guarda bem a essa flor."
(Trecho da obra O Diabo, de Clímaco Lobato.)



JOIZACAWPY MUNIZ COSTA é professora e escritora. É autora de livros e de artigos publicados em diversas plataformas

Um resumo em versos.

Lançamento de "O Diabo", de João Clímaco Lobato

Um livro bem interessante
Que prendeu minha atenção
Com uma história marcante
Suspense, amor e emoção.

Com um enredo bem contado
Em riqueza de detalhes
Retratando o passado
Agora com novidades

Num ebook ilustrado
Estiloso, bem trabalhado
Modernizando o passado
De João Clímaco Lobato

Um lançamento diferente
De uma obra inusitada
O GELMA surpreendente
Segue assim sua jornada!

Jonilson Bogéa.
30.10.2025

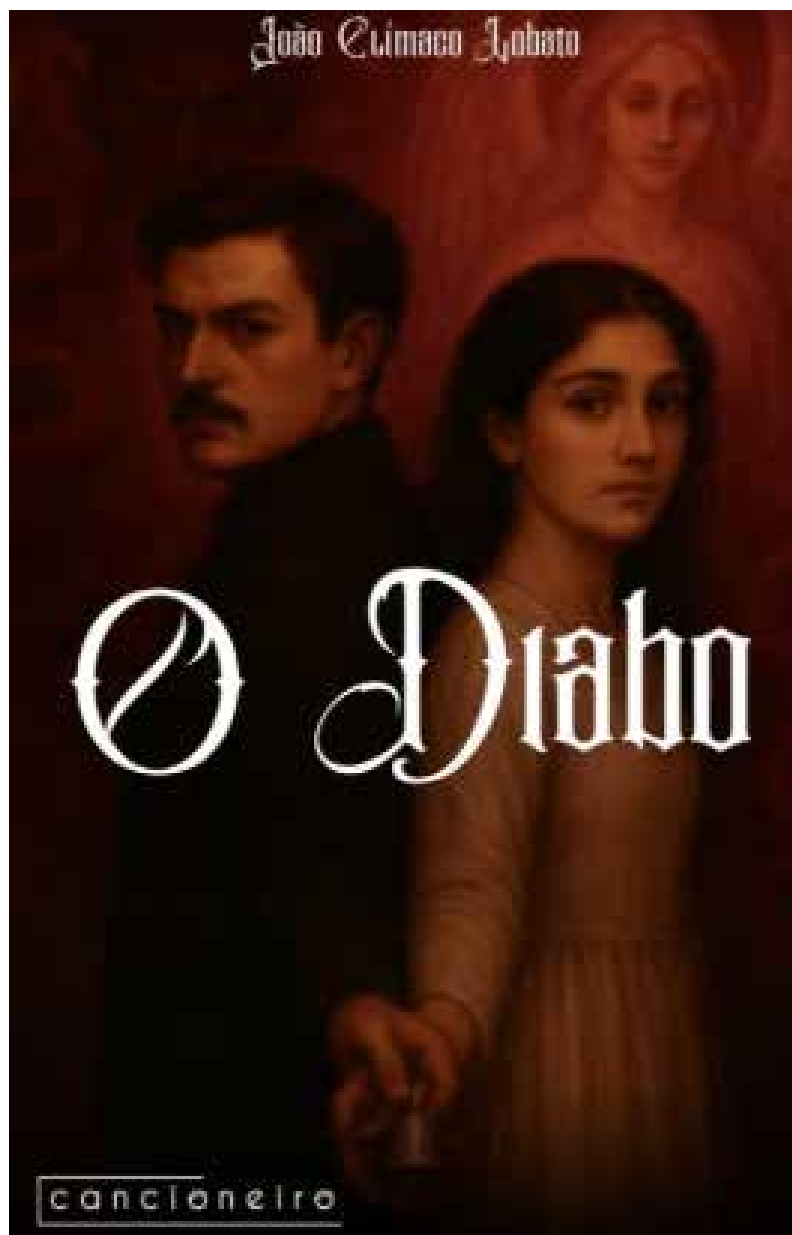
Sugestão de leitura

Publicado em 1856, o romance **O Diabo**, de João Clímaco Lobato (1829-1897) é um livro que traz em sua trama alguns elementos que lembram a temática gótica e que remetem ao inusitado.

Depois de mais de um século e meio longe dos olhares dos leitores, esse livro voltou a circular em formato digital graças aos esforços do Grupo de Estudos em Literatura Maranhense (GELMA), que está vinculado ao Curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão.

A narrativa é envolvente e cheia de peripécias, levando o leitor a um passeio tanto pelos meandros de questões sociais e econômicas de uma época, quanto por elementos insólitos.

esta nova edição está disponível na internet, podendo ser solicitado pela página do Grupo no Instagram



Gosta de boa música e de bom
conteúdo?

Então acesse a Rádio da
Academia Maranhense de
Letras na internet
É simples e fácil...



**RÁDIO
AML**

Aqui você escuta
a nossa tradição



RadiosNet



A intimidade sob as dobras da imaginação

FÉLIX ALBERTO LIMA



de poemas de Adriana Gama de Araújo, que será lançado nesta sexta-feira, às 18h, na livraria Poeme-se, ao lado de **Catálogo de acasos**, de Franck Santos, e **O livro das nuvens**, de Samuel Marinho, percorre espaços pequenos e cotidianos – a casa, o jardim, a rua deserta – para encontrar neles uma voz.

ouve”, além de outros tantos, delatam a moenda lírica e insurgente da autora. O que poderia passar despercebido ganha corpo no conjunto das palavras. Movimento sutil de quem insiste em cantar mesmo quando não há plateia, de quem transforma a solidão em matéria de poesia.

No livro anterior, **Metábole** (Urutau, 2021), Adriana já experimentava derrubar a cerca ao redor do próprio umbigo, com palavras. Era o desafio do silêncio. Agora, nesse virtuoso desafio de atravessar o deserto, a poeta parece buscar outro movimento: “dar outro corpo ao tempo”, “esticar o corpo além da alma”. São versos que se aproximam de uma meditação, mas sem

Há livros que nos pedem menos pressa, pé no freio. **Na intimidade de um ser estranho** (editora Mondru) é um desses. O novo livro

A poesia de Adriana se constrói a partir do mínimo. Versos como “Cantar a rodoviária/ vazia”, “cantar/ ainda hoje/ mesmo agora/ que ninguém nos

perder o pulso concreto da experiência.

Os poemas são curtos, diretos, quase anotações de um passeio sob a luz incessante das cores quentes do dia. Têm a força do que é dito sem ornamento: “num estranho estado de vida/ acima do tempo/ acima da guerra”. Há neles uma disposição para observar o mundo e devolvê-lo em estado bruto, mas não frio – antes, em estado de vigília.

Adriana lê poesia como quem reza, como quem cantarola uma canção antiga de Roberto. Tem ritmo próprio, e talvez por isso sua voz encontre ressonância: não procura convencer, apenas permanecer. Quem a acompanha de perto percebe que sua poesia chega de mansinho, e não nos deixa. A poesia fica. Só as estrelas mudam de lugar.

Na intimidade “alheia”, a poeta conversa, indaga, provoca, muda de direção, fazendo o uso natural dos recursos da língua, nua e sem nome. No rebuliço das folhagens espalhadas nas páginas, o leitor desconfiará que a resposta pode estar soprando no vento selvagem. Pode ser Dylan. Mas pode ser



Whitman.

São poemas colhidos pela manhã numa dessas caminhadas feitas do suor que irriga a vida. A poesia de Adriana Gama de Araújo chega sem pedir licença e nos arrebat. Eu leio o livro e a ouço cantando.



FÉLIX ALBERTO LIMA é jornalista, escritor e membro da Academia Maranhense de Letras

SOBRE LIVROS E AUTORES: CINCO CURIOSIDADES

José Neres

A literatura é algo muito vasto e que traz dentro de si uma imensa quantidade de curiosidades sobre autores, obras e/ou situações inusitadas. Vamos a seguir trazer cinco curiosidades, todas de domínio público, sobre nossa literatura.



JOSÉ NERES é professor

Maria Luísa Lobo

Embora a professora e escritora Laura Rosa tenha sido a primeira mulher a tomar posse como imortal da Academia Maranhense de Letras, ela não foi a primeira mulher a ser eleita para os quadros da Instituição. Em 1935, oito anos antes da eleição de Laura Rosa, foi eleita a escritora Maria Luísa Lobo. No entanto, ela perdeu os prazos regimentais e não tomou posse na AML.

Há pouquíssimas informações sobre a senhora Maria Luísa Lobo e sua produção intelectual. Entre essas poucas informações, está o fato de ela ser filha do escritor e ativista cultural Antônio Lobo e de haver publicado o livro de crônicas intitulado *Traços na Areia*, que foi bastante elogiado por Domingos Barbosa. Sem dúvida de que aqui existe um bom espaço para novas pesquisas. Leia abaixo um poema de Maria Luíza Lobo.

PAISAGEM TROPICAL

Maria Luíza Cunha Lobo

Pleno deserto, ardente, ao sol do meio-dia,
Pleno deserto, nu, todo em fogo abrasado.
Árida vastidão, de amarga nostalgia.
Terreno ressequido, estéril, requeimado.

Areal cintilante, à luz de um sol candente,
Que vermelho aparece e rubro se agasalha,
Causticante, cruel, impiedoso, inclemente,
Como um campo de guerra após uma batalha.

É uma orgia de sol, num perpétuo verão!
Catarata de fogo, insondável, imensa...
É tão vasta, que escapa aos raios da visão,
E é tanta luz, que ofusca e vibra, de intensa.

Muito ao longe, se veem uns morros isolados,
Recobertos de pó, de fogo consumidos,

Calcinados do sol, austeros, escavados,
Alevantando aos céus os cumes ressequidos.

Por toda a parte, enfim, calor, e mais dor...
Em derredor, o vácuo... inteira solidão!...
Aspérrima rijeza, à calma do equador!...
Pleno aluvio de luz!... Pasmosa inanição!...

Pelo fofo areal, movediço e escaldante,
Lá vai a caravana, em marcha sonolenta...
Arrimado ao bordão, o Beduíno, adiante,
Os camelos conduz na estrada poeirenta.

E lá vai, pausadamente, até sumir-se nessa
Fímbria de ouro e carmim que ao longe se
divisa...
Serás nesse horizonte, além que o céu começa
E o rútilo deserto enorme finaliza?

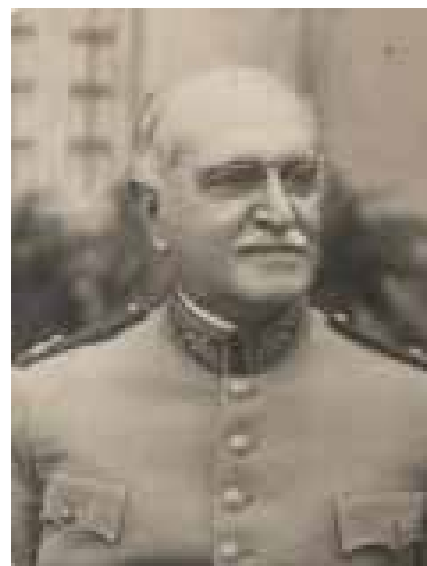
(Revista Aspectos - anno I, pág. 56)

Estudar para quê?

O cônsul de Portugal no Maranhão, o senhor Joaquim Coelho Fragoso, era um homem bastante afeito às lides comerciais. Pelo gosto dele, seu filho Augusto Tasso Fragoso seria destinado a trabalhar como caixeiro em uma loja de ferragens. Contudo, o garoto demonstrava grande inclinação para os estudos e para as ciências.

Foi o jornalista Temistócles Aranha – pai do escritor José Pereira da Graça Aranha – que tentou dissuadir o teimosíssimo cônsul português a entregar o menino Augusto para o comércio. Mas essa não foi uma tarefa fácil. O senhor Joaquim defendia a tese de que o Maranhão precisava mais de pessoas trabalhando atrás de um balcão do que de pensadores ou pesquisadores. A persistência de Temistócles deu resultado. Augusto Tasso Fragoso (1869-1945) se tornou um militar, historiador e escritor renomado e, além de haver governado o Brasil em um curtíssimo período entre a deposição de Washington Luís (1869-1957) e a posse de Getúlio Vargas (1882-1954), tornou-se um dos homens mais respeitados em todo o território brasileiro.

Porém, mesmo assim, o velho cônsul, até seus últimos dias de vida, continuava defendendo a ideia de que seria melhor para o General Tasso Fragoso ter seguido carreira no comércio da capital maranhense. Para ele, os estudos afastavam os filhos do restante da família.

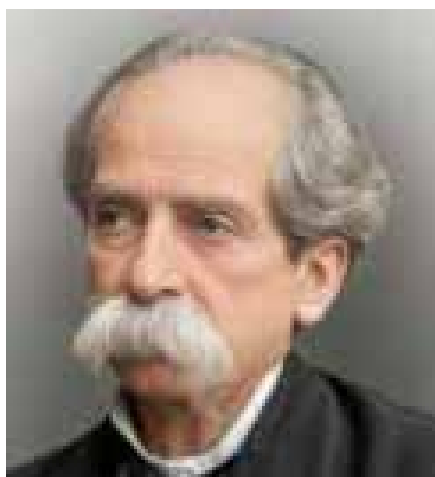


General Tasso Fragoso



Graça Aranha, autor do romance

Um defensor dos animais



Raimundo Teixeira Mendes
é um dos grandes nomes da
filosofia brasileira

Nascido na cidade de Caxias, o filósofo, matemático e escritor Raimundo Teixeira Mendes (1855-1927) acabou tornando-se um dos maiores defensores dos ideais positivistas em terras brasileiras. Ele, com a colaboração de seus correligionários Miguel Lemos, Manuel Pereira Reis e Décio Villares, idealizou as linhas gerais da Bandeira Brasileira, sendo também o possível responsável para inscrição “Ordem e Progresso” no centro da bandeira.

Constantemente, aquele homem sério, todo vestido de preto e geralmente acompanhado de um livro e de um guarda-chuva, era visto pelas ruas do Rio de Janeiro pedindo que as pessoas não maltratassem os animais e que tivesse respeito por todos os seres vivos. Seu cuidado para com os animais era tão grande que ele mesmo não se permitia alimentar-se de qualquer produto que exigisse o sacrifício de alguma vida. Dessa forma, sua alimentação era basicamente composta por frutas, legumes, verduras, água e chás. Chamava a atenção das pessoas da época seus sapatos, que eram confeccionados com panos, pois ele jamais usaria um produto que contivesse algo derivado de animais, como o couro, por exemplo.



Humberto e Coelho

Apenas oito dias separam o falecimento de Coelho Neto (1864-1934) e de seu conterrâneo, confrade e amigo Humberto de Campos (1886-1934). O primeiro faleceu no dia 28 de novembro e, no dia 05 do mês seguinte, o autor de *A sombra das tamareiras* deu seu suspiro final.

Até próximo aos momentos finais de sua vida, Humberto de Campos costumava anotar em seu diário as informações mais importantes de seu dia a dia. Além das enfermidades na bexiga e da dificuldade em enxergar, o escritor sofria também as constantes notícias do falecimento de alguns amigos. Dessa forma, ele anotou em seu diário o passamento do médico e cientista Carlos Chagas (1879-1934) e dias depois, em 24 de novembro registrou uma conversa que teve com Jorge, um dos filhos de Coelho Neto, acerca do estado de saúde do autor de *Rei Negro*. A situação era deplorável. Coelho Neto não mais tinha forças para falar, apenas gemia e tinha seu corpo repleto de escaras.

Possivelmente por estar já bastante debilitado, Humberto de Campos anotou em seu diário no dia 27 de novembro o falecimento de seu amigo Coelho Neto. Ele ainda pensou em ir ao sepultamento do amigo, mas seu estado de saúde não lhe permitia tal esforço físico e psicológico. Enviou uma “uma braçada de cravos vermelhos” para o caixão do Príncipe dos Prosadores Brasileiro e pôs um ponto final em seus diários secretos.

Dias depois, durante um procedimento cirúrgico, Humberto de Campos partia rumo à eternidade.

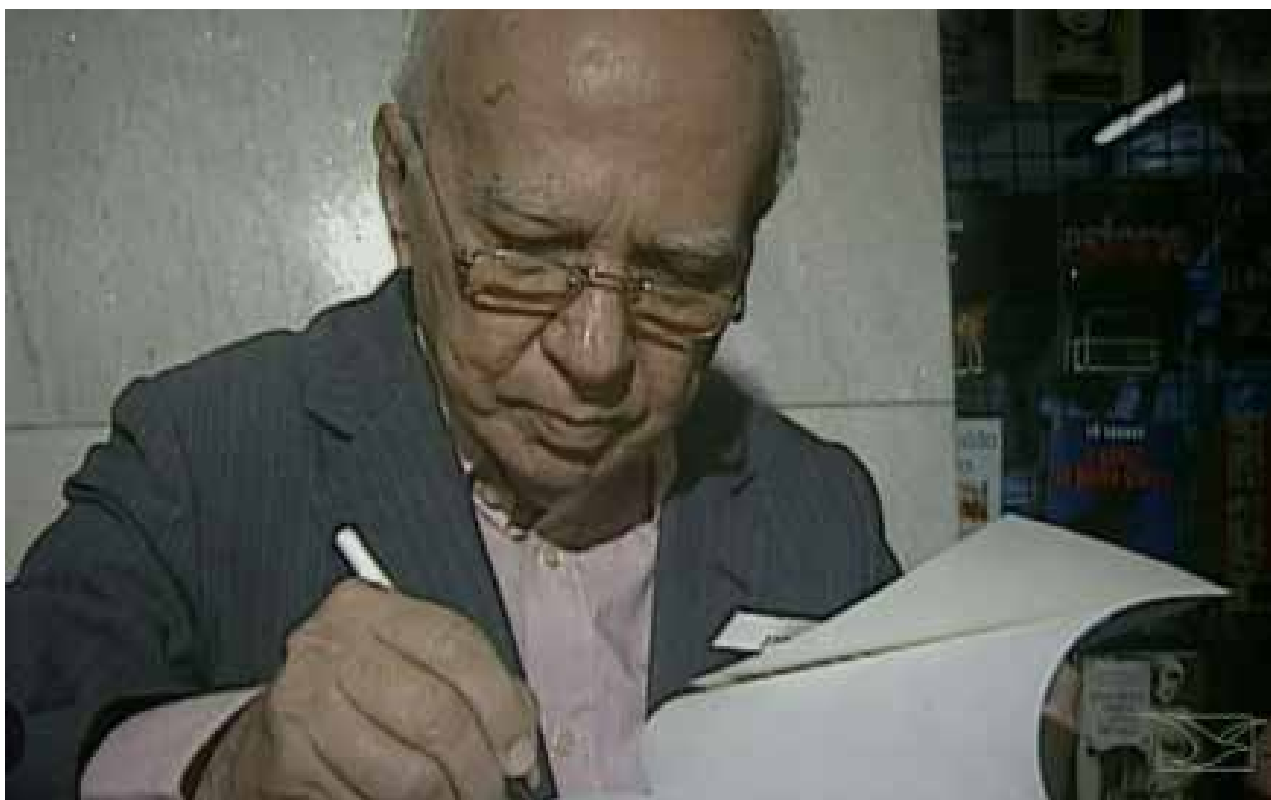


Uma carta

Josué Montello (1917-2006) sempre teve uma grande admiração pela pessoa e pela obra de Coelho Neto. Ainda adolescente, Montello decidiu enviar uma carta ao autor de *Turbilhão*. Juntamente com a carta, enviou também cópias de alguns de seus textos. Sendo muito ocupado, aquele professor, escritor e político possivelmente não teria tempo para responder às tantas correspondências que provavelmente recebia de seus admiradores. Porém, para sua surpresa, Coelho Neto respondeu com os seguintes dizeres:

Continue a trabalhar nas letras que o aguardam para honrá-las.

O contato entre os esses dois conterrâneos aparentemente findou por aí. Talvez aquela cartinha de adolescente tivesse ido parar em uma lixeira ou talvez tivesse sido incinerada em uma daquelas ocasiões em que papéis velhos são descartados por não servirem mais a seus propósitos. Porém, muitos anos depois, quando Montello ocupou o cargo de Diretor Geral da Biblioteca Nacional, encontrou sua missiva devidamente arquivada. Foi um momento de muita emoção.





Megamega Digital

Mais do que uma vitrine online, a loja Megamega Digital é um espaço com alma. Cada item foi escolhido pensando em estilo, funcionalidade e originalidade.

**Faça seu cadastro e
obtenha ofertas pensadas
para você.**

Acesse a loja em:
<https://megamega.digital>



As Imensas Miudezas de **LAURA ROSA**

José Neres

“Não faça biscoitos, faça pirâmides”. Esse foi um dos conselhos do grandioso escritor mineiro Guimarães Rosa ao também gigantesco Fernando Sabino. A partir dessa frase, o autor de “O grande Mentecapto” começou uma reflexão sobre as obras literárias que podem ser consideradas eternas (as pirâmides) e aquelas que são transitórias e que trazem satisfação por apenas alguns instantes (os biscoitos). No entanto, do alto de sua perspicaz delicadeza literária, Sabino chegou à conclusão de que tanto as pirâmides quanto os biscoitos podem ser importantes para os consumidores de arte.

No mundo prático, parece que as pessoas são cobradas e produzem verdadeiros monumentos cada

vez que decidem produzir algo. Mas não é bem assim. É possível produzir delicadas peças de ourivesaria literária e nelas incrustar preciosidades que talvez tenham o brilho ofuscado pelo tempo, mas que continuem tornando o caminho das próximas gerações mais agradáveis e menos áridos. Porém, quase sempre, quando um escritor



decide seguir pelas veredas da simplicidade, algumas pessoas veem isso como falta de talento e/ou de profundidade.

Na clássica Roma, Catulo, um dos melhores poetas de todos os tempos sentiu isso na pele. As miudezas (nugae) de Catulo foram muitas vezes vistas como poemas superficiais, no entanto esses poemas permitam que os pesquisadores de hoje vejam o mundo romano pelas frestas das intimidades devassadas por Catulo. Mais próximo à atualidade, o poeta pantaneiro Manuel de Barros às vezes é lido com desconfiança, afinal de contas, quem faz “o desprezível ser prezado” nem sempre pode ser compreendido por quem só tem olhos para a imensidão das pirâmides.

No Maranhão, a escritora e professora Laura Rosa (1884-1976) também muitas vezes optou por retratar em seus contos e poemas as coisas simples do cotidiano. Foi dessa forma, usando sua sensibilidade e seu talento literário que Laura Rosa transformou a imagem de uma mera folha ressecada em um dos mais belos sonetos de nossa literatura, conforme pode ser visto abaixo:

Vede, senhor, apodreceu na lama
Eu a vi há muito tempo entre a
folhagem
Antes do vento lhe agitar a rama
E do regato, sacudi-la à margem.

De vigente e de verde tinha fama
Da folha mais formosa da
ramagem
Desceu nas águas e resta da viagem
O labirinto capilar da trama.

Ninguém pode fazer igual rendado
Nem filigrana mais perfeita e linda
Nem presente melhor pode ser
dado.

Guardai, Senhor, guardai este
esqueleto.
Todo cuidado! É uma folha ainda,
Onde escrevi, de leve, este soneto.

Além de utilizar o esqueleto de uma folha como mote para um poema, outros assuntos considerados “menores” foram utilizados pela escritora como fonte de inspiração. Um exemplo

disso é o poema “D. Formiga”, no qual ele descreve uma fileira de formigas e comenta sobre o que nós podemos aprender com o trabalho desses pequeninos seres. Logo na estrofe inicial desse poema é possível perceber a suavidade dos versos e o interesse por trazer para o âmbito da poesia algo que nem sempre paramos para observar.

Vai uma atrás da outra. É uma
fileira
Negra e ondulada, longa e
deslizante,
Cada qual mais leve.
Mais ligeira
E mais interessante.

No conjunto poético de Laura Rosa é possível encontrar também textos que têm como foco de interesse uma aranha a tecer sua teia (A Tecelã), a descrição de uma carnaubeira (A Carnaubeira), a singela beleza de um amanhecer (Aurora), o marulho das águas a correrem no leito de um rio (Cantiga das Águas), uma lagarta passeando pela folha de uma amoreira (Lagartinha de Seda), dois lenços de seda encontrados no bonde (Lenços), uma estatueta de porcelana quebrada (Pierrot), um pôr-do-sol (Recolhimento), uma

chuva à beira de uma lagoa (O Rouxinol e a Rã) e um menino querendo vender uma bola para comprar flores para o enterro de sua mãe (Cousas da Rua) e muitas outras situações que cotidianamente passam despercebidas, mas que, ao serem vertidas em verso, acabaram se perpetuando no tempo.

Porém, não são apenas de versos singelos escritos de modo ocasional e descompromissado. Há, dentro de cada um deles, uma mensagem a ser decodificada, seja ela voltada para um mergulho na espiritualidade ou em projeto de cunho religioso, seja uma crítica social, às vezes sutil. Dessa forma, até mesmo uma borboleta pousada em um recinto da casa pode servir de motivo para uma reflexão, como ocorre no poema “A Felicidade”, de onde extraímos a seguinte passagem:

A felicidade é uma encantada
E esquisita
Borboleta dourada
Qualquer rumor pode afastá-la...
Se ela se assusta,
Foge...
Nem podeis calcular o quanto
custa
Apanhá-la

Em determinados momentos, fica a impressão de que Laura Rosa, como ilustre professora que era, escrevia pensando em suas aulas e em seus pequeninos alunos. Ela, então fazia uma espécie de incursão pela escrita voltada para o público que iniciava seus contatos com as palavras escritas e que chegavam à escola carregados pela curiosidade. É o caso do poema “Lagartinha de Seda”, que traz um diálogo entre uma pessoa (aparentemente uma criança) e uma lagarta. A partir da leitura desse poema, é possível ao professor trabalhar com sua turma uma série de assuntos, desde o ciclo vital do bicho-da-seda até sua importância para a economia e a relação com o meio ambiente. Tudo isso sem perder a esfera de simplicidade, podendo relacionar metaforicamente também essas transformações físicas com a passagem da infância para a adolescência.

Em outros momentos, alguns poemas de Laura Rosa parecem ter sido escritos para tratar de assuntos voltados para a religiosidade. Poemas como “A Mesa”, “Canção de Dezembro”, “Cristo de Belém!”, “Natal”, “Prece”, “O Képi de Bebê”, “Regina Martyrum” e “Preces” podem ser utilizados como elementos

introdutórios para estudos sobre datas comemorativas religiosas e personagens bíblicas. Como pode ser visto no fragmento abaixo, às vezes a religiosidade aparece mesclada com o desejo de um Brasil melhor e mais próspero.

Ó doce Nazareno,
Doce Amigo,
Senta-te sempre à mesa
Comigo!

Formoso Carpinteiro,
Jesus,
Senta-te à mesa
Com cada brasileiro!

O tom patriótico aparece em diversos poemas de Laura Rosa, como é o caso de “No Altar da Pátria”, “Sombras Queridas” e “Salve”. Em casos assim, ele costumava recorrer aos grandes vultos e a determinados momentos da história do Brasil. Na estrofe final do poema “No Altar da Pátria”, ela conclama o povo a...

Sob um céu formoso, nosso céu
de anil
Neste momento,
Nessa concentração, um lindo
juramento
Juremos
Todos pelo Brasil!
Todos pelo Brasil!

Laura Rosa é o tipo de escritora que consegue transformar miudezas em algo imenso dentro do espectro poético. Sua poesia pode ser lida por pessoas com os mais diversos níveis de escolaridade e pode ser interpretada de modos diversos. A poesia de Laura Rosa ainda pode oferecer muitas oportunidades de estudo. É uma escritora multifacetada e que traz em sua obra a essência da Poesia.

Para alguns leitores, a obra de Laura Rosa pode parecer ter a efemeridade de um biscoito, mas a humanidade precisa desses acepipes para poder apreciar a longevidade das pirâmides.



JOSÉ NERES é professor

CENAS DO COTIDIANO XXXIII

Por José Carlos Gonçalves

José Carlos Gonçalves é professor, poeta, cronista e contista

A Ilha sofre, angustiada, nestes últimos dias, uma gritante onda de terror, que nos tranca em nossas casas

e, o pior, é que não se sabe o que realmente acontece. Se as notícias são verdadeiras ou se são "feiques". Se verdadeira esta última hipótese, se confirma o nível de barbárie em que vivemos. A crua realidade é que, sem dúvida alguma, a degradação já nos cerca, a nos zoomorfizar ao mais baixo grau

e, perdidos em tantos medos, vamos alimentando a roda viva, que nos sufoca e nos aniquila em nosso velejar à deriva. Só muita e muita oração, a nos proteger

e de proteção precisamos, e com urgência. Um confrade em condição atípica, membro do CEM (Coletivo de Escritores Maranhenses), que também é participante de um grupo, on line, de terapia, sofreu uma violenta discriminação dentro do referido grupo. Com imitações de suas limitações. E, pasmem! O mentor, destemperadamente, veio a lhe dizer "que estava se vitimizando, se fazendo de coitado", por não aceitar ser imitado, de forma depreciativa por um outro membro do grupo. E, o pior, a valiosa assistência, que lhe ofereceu foi a vil e indecente recomendação, para que saísse do grupo

e, aí, se testemunha o despreparo de quem vai à internet se arvorando de mentor espiritual, mais perdido do que quem busca apoio em suas angústias

e não quero acreditar, de verdade, que a finalidade de tal grupo seja a busca indecorosa de likes

e o certo é que o CEM, não se omitirá ou se emudecerá face à tamanha violência. E iremos gritar e gritar e gritar e nos unir em torno de nosso confrade. Afinal, o CEM voa em bando; e em bando voamos com ele

e, falando em voar, o desejo, que mais desejo, para ir à minha Baixada, é um voo de saudade. Afinal, comprar "uma passagizinha" para "o ferribôti" é o mais concreto e vexatório exercício de humilhação. Uma missão digna da paciência de um monge budista

e, ainda, se comemora "morar nas filas" e conseguir fazer a tão esperada e tão sofrida travessia

e, só de imaginar, vou me recolhendo, porque "não quero talhar o meu fell!"

Inté maise!



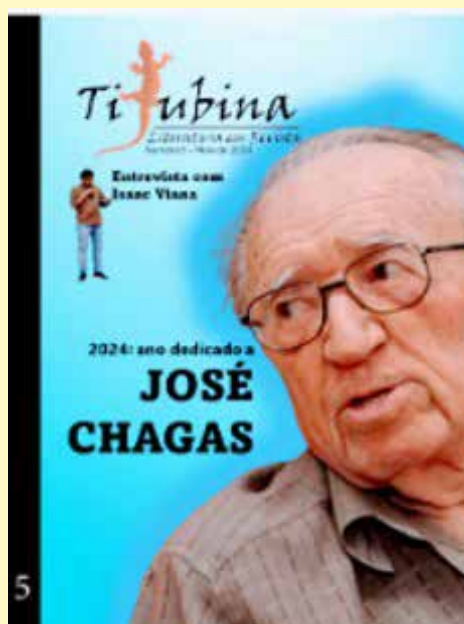
Encontros virtuais
todas as quintas-feiras

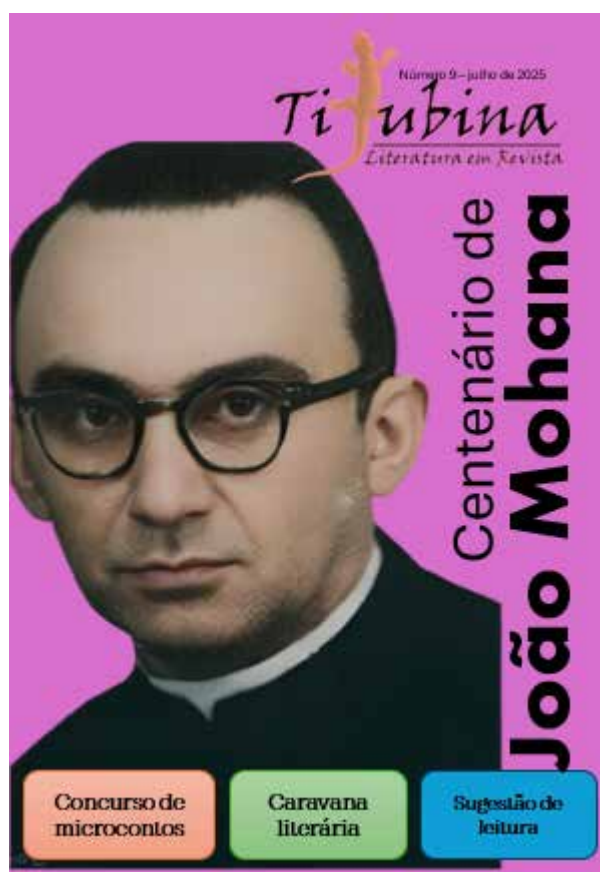
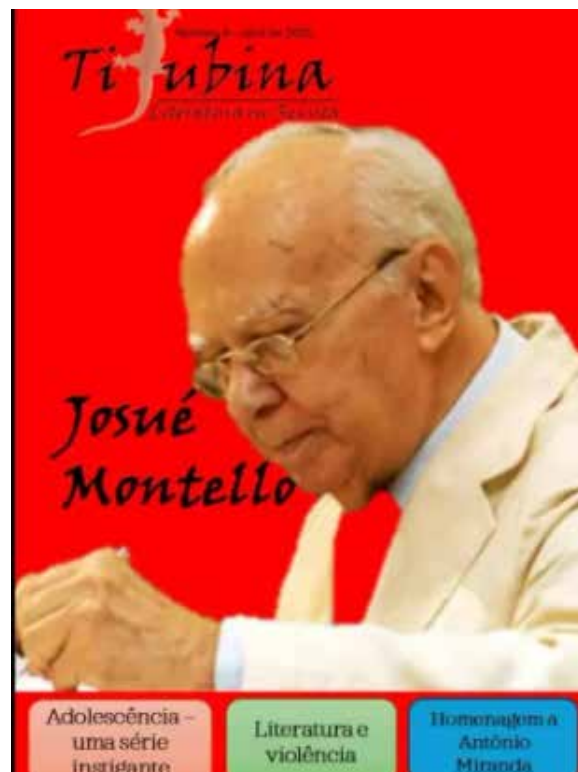


Acesse: www.facetubes.com.br



Tijubinas Reunidas





Revista Tijubina é um projeto sem fins lucrativos que aceita colaborações em forma de textos, desde que não tenham conotações de cunho político-partidário. Se seu texto é sobre literatura ou qualquer outra modalidade de arte, ele será muito bem-vindo.

RUY PONTES RIBEIRO DE MORAES

Advogado

OAB/MA 13.785



- **Cível,**
- **Criminal,**
- **Família e**
- **consumidor.**

 **(98) 98183-4273 / (98) 98900-1064**

 **@prof.ruypontes**

**Av. 01, Q. 16, C. 15. Bairro Bequimão.
Galeria Marl Center.**

Tijubina

Literatura em Revista

Tijubina

Literatura em Revista

